

Límia e Brutobriga

I

É tempo de acabar com as erroneas crenças, que por ahí andam arreigadas, sobre a identificação de cidades antigas que se julga haverem florescido nas margens do nosso decantado Lima; tambem os archeologos portuguezes dos seculos XVII e XVIII, embuidos num excessivo amor patrio, teimaram em localizar na pequena facha do terreno que occupamos na Peninsula quantas povoações notaveis os escriptores latinos referiram á Hispania.

A Lusitania e a Tarraconense occidental, na parte respeitante a Portugal e á Galliza, tinham povoações importantes, conservando o maior número a sua denominação nacional, anterior á invasão romana.

Convem synthetizar as ultimas investigações toponymicas.

A Lusitania dividia-se em tres *conventus*:

I—Pacense.

II—Escallabitano, e

III—Emeritense.

No primeiro ficavam:

Ossónoba, Faro.

Balsa, Tavira.

Metallum Vipascense, Ajustrel.

Merobriga, Sant'Iago de Cacem.

Salacia, Alcacer do Sal?

Cetobriga, Setubal? Troia?

Pax Julia, Beja.

Ebora, Evora.

No segundo:

Olisipo, Lisboa.

Scallabis, *colonia Praesidium Julium*, Santarem.

Collipo, Leiria.

Conimbriga, Aeminium, Condeixa, Coimbra.

Civitas Aravorum, Castello Branco?

Civitas Igaeditanorum, Idanha.

E no terceiro:

Augusta Emerita, Mérida.

Metellinum, Medelim.

Norba, *colonia cesarina*, Cáceres.

Caurium, Cória.

Mirobriga, Cidade Rodrigo.
 Salmantica, Salamanca.
 Cesaróbriga, Talavera de la Reina.
 Augustóbriga, Talavera a Velha.

A Tarraconse continha, entre outros, os tres *conventus*:

I—Bracaraugustano.

II—Lucense, e

III—Asturico.

No primeiro apenas as cidades de:

Brácara

Forum Limicorum, Guizo, e

Tudae, †Tuy.

No segundo:

Lucus Augusti, Lugo.

Iria Flavia, Padrão, e

Flavium Brigantium ou Brigantia, Betanços, perto da
 Corunha.

E no terceiro:

Astures Augustani, Astorga.

Zoelae, Castro d'Avellãs (?) e

Legio-Gemina, Leão.

Todas as demais povoações não mencionadas nas inscripções lapidares e numismaticas as reputamos de somenos importancia, ou, se a tiveram, foi isso em epocha posterior ao dominio dos latinos, como por exemplo Aóbriga, Aúrega, Aurea, hoje Orense, cidade sueva do seculo IV da era christã.

A toponymia tem a grande vantagem historica e ethnologica de nos indicar o roteiro que os varios povos seguiram na sua emigração através da Peninsula.

Precioso legado este sobre que devemos basear os nossos estudos, e que convem augmentar por subseqüentes investigações.

II

O *Forum* ou Curia dos Limicos assentava na planura do monte do Viso, perto da serra de Baldriz, distando as suas ruinas, no sítio onde hoje chamam —a cidade—, uns 13 kilometros para o nascente de Guizo, e 7 a ESE. da «laguna» de Antela, que dá origem ao nosso rio Lima; esta lagoa tem 5:000 hectares de superficie, e dissecada constituiria fertil veiga, que seria uma riqueza para estes povos.

Alli jazia ainda no anno de 132 de C. a *civitas Limicorum*, cujos homens livres erigiram uma memoria de adhesão e affecto ao Imperador Adriano, e outra em 141 ou 142, ao bom Antonino Pio; ambos estes monumentos os vimos mettidos no frontispicio da capella de S. Pedro, unico edificio que resta de pé da famosa *Limica*.

Sabe-se, pois, com exactidão que as ruinas que se alastram em grande extensão ao sul do nascente do nosso rio pertencem á *Limia*.

Chamar a Ponte do Lima *Forum Limicorum* é de ignorancia pasmosa, que nem os *Estrangeiros no Lima*, I, 114 e 119, ousam sustentar, fugindo pela tangente de fazer distincção entre *civitas* e *forum Limicorum*.

O proprio bispo Idacio (390-470), no seu curioso *Chronicon*, nos assevera ser limico. Vid. a *Espanña Sagrada*, de Henrique Florez, IV, 347.

E se ainda os monumentos existentes no mesmo local e o testemunho de um escriptor antigo, insuspeito e d'alli natural, vos não bastem, lêde um curioso artigo do nosso collega hespanhol D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, na *Revista Archeologica*, publicada em Lisboa em 1888, II, 96-98, onde trata da inscripção da ponte de Chaves.

III

Entre as antigas moedas da Hispania ha uma que nos merece particular interesse; apresentou-a pela primeira vez Henrique Florez, na sua *Collecção de moedas peninsulares*, na tabella 67, e ultimamente vem, transcripta no tomo I, 45, do magnifico *Tratado de numismatica* de D. Antonio Delgado, publicado em Madrid em 1871. É de cobre, com 0^m,027 de diametro ou módulo; na face tem uma cabeça de homem, voltada á direita, com a legenda:

T. MANLIVS. T. F. SERGIA

e no reverso um navio, e debaixo um peixe, e em volta a palavra

BRVTOBRICA

Decididamente que é este o nome da cidade que cunhou a medalha; e que foi povoação de navegantes e pescadores no-lo denunciam o barco e o peixe, symbolos favoritos dos moedeiros celtibericos do meio-dia e occidente da Hispania.

Dois illustres archeologos, Delgado, acima referido, e o Dr. Emilio Hübnér, collocam aquella Brutobrica em Portugal, determinando-lhe

o sabio professor allemão a situação entre Thomar e Abrantes, na foz do rio Zezere, sobre o Tejo. Vid. *Arch. Port.*, III, 164.

Nesta mesma carta que o eximio philologo berlinês escreveu, em 11 de Março de 1897, ao nosso amigo Dr. J. Leite de Vasconcellos, director d'este jornal, confessa que o nome de Brutobrica deriva de Decio Junio Bruto Callaico.

Ora se o nosso Lima foi o termo da expedição de Bruto, cujos soldados, passando o Lethes, se estabeleceram aqui, esquecendo a sua antiga patria, e se o capitão romano, por sua vez, se appellidou *Callaico*, é no valle do Lima, é na Gallecia, á beira-mar ou nas suas proximidades, que devemos buscar a alludida cidade.

Certamente que Brutobriga deve a sua fundação a Junio, que a edificou nesta provincia, ou então impoz o seu nome á cidade indigena mais importante d'estes sitios, sem que esta perdesse a sua feição typica.

Os attributos das moedas brutobrigenses provam que a cidade era maritima.

Alguns antiquarios pretendem, sem fundamento solido, e apenas pelas distancias milliaras do *Itinerario*, dispor *Araduca* na embocadura do nosso Lima.

A Vianna del Bollo, sobre o rio Bibey, na Galliza, corresponde a cidade de *Volobriga*.

IV

Costuma-se hoje em dia chamar á extincta povoação do monte de Santa Luzia, em Vianna, —BRITONIA—, e num relatorio, documento official, acha-se a seguinte estranha menção: RUINAS PREHISTORICAS DA BRITONIA.

Para a archeologia é uma novidade que a Britonia seja uma povoação anterior aos tempos historicos!

Sempre cuidei, pelos documentos ecclesiasticos da idade média, que Britonia fosse uma cidade episcopal que o bispo de Tuy, o chronista Fr. Prudencio de Sandoval, e todos os escriptores hespanhoes, antigos e modernos, identificam, a 10 kilometros de Mondonhedeo, com Santa Maria de Bretonha, proximo das fontes onde nasce o rio Minho.

A existencia de Britonia é-nos revelada simplesmente pelos escriptos dos cartorios; não conhecemos lapide nem moeda que se lhe refira.

Historiemos agora:

No anno de 870 veiu Saborico I, Bispo de Dume, junto a Braga,

fugindo aos musulmanos, e estabeleceu a sua residencia a duas leguas de S. Martinho de Mondonhedo, persistindo a Sé dumiense neste sitio até 1112, em que a rainha D. Urraca a passou para Villa Mayor, primitiva denominação de Mondonhedo, que distava 3:000 metros do sitio actual. Chamou-se a esta igreja *dumiense*, *valibriense* e *mindoniense*; sendo consequentemente o bispado de Mondonhedo a continuação do de Dume, nos arredores da cidade bracarense.

Seriam Brutobriga e Britonia uma e a mesma cidade?

Cremos que não.

É certo que são duas cidades distinctas: Britonia nunca se escreveu Brutonia, ficando aquella no país dos Brittones, na alta Galliza, em Mondonhedo, sendo irrisorios os argumentos adduzidos pelos nossos chronistas e chorographos para avocarem para as margens do Lima aquella cidade episcopal gallega.

As ruínas até hoje exploradas no nosso districto de Vianna patenteiam simples estações indigenas, de somenos importancia, não podendo com ellas identificar-se a Brutobriga, a não querermos suppô-la, como é meu parecer, uma povoação que se subtraiu á influencia romana, e da qual apenas recebeu o nome, que passou á historia; porque neste caso apontaremos as extensas ruínas de Santa Luzia como a principal póvoa da costa maritima entre Lima e Minho, e nas condições de convirem e serem indicadas como restos da antiga cidade de Decio Junio.

Em parte alguma convem tanto situar Brutobriga como na margem direita do Lethes, esse celebrado rio, cujas aguas vadeadas fizeram esquecer aos soldados romanos a sua patria. Para que repetir aqui textos e citações?

Identificado o Lethes com o Lima, localizada está a Brutobriga em questão.

V

Ainda hoje uma errada tradição litteraria, certamente originada nas chronicas ecclesiasticas, pretende collocar:

— *Aramenha*, nas ruínas do monte do Sant'Inho ou Roques, no planalto entre Villa Franca e Villa de Punhe, no concelho de Vianna;

— *Carmona*, *Caramona* ou *Carbona*, nas ruínas do monte detrás do mosteiro beneditino de Santa Maria de Carvoeiro, sobre os limites de Balugães e de Poiares, no ponto onde se reúnem os concelhos de Vianna, Barcellos e Ponte do Lima;

— *Norba*, no alto da Nó, Nahor, ou Nora, no monte da Facha, no concelho de Ponte do Lima, e que merece especial referencia;

— *Cauca* e *Córium* em Coura, no alto Minho; e

— *Aurea*, na capella de S. Miguel o Anjo, defronte da villa de Ponte do Lima, fazendo-a derivar, bem como Arga, de Aurega.

Nos cimos dos montes de Roques, Carvoeiro e da N6 ha restos de vastos circuitos amurallados com casas, antigas estações, do typo da de Santa Luzia; taes ruinas apparecem em todas as elevações da ribeira do Lima, na costa do mar, do Neiva ao rio Minho, e até mesmo no centro das serras da Armada, Oural e da Amarella.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

Estudos sobre Troia de Setubal

8. Ceramica romana

Á valiosa serie de artigos que *O Archeologo Português* tem publicado sobre este assumpto, venho juntar a noticia de uns objectos que, por mero acaso, encontrei na Troia, e hoje fazem parte da minha colleção archeologica.

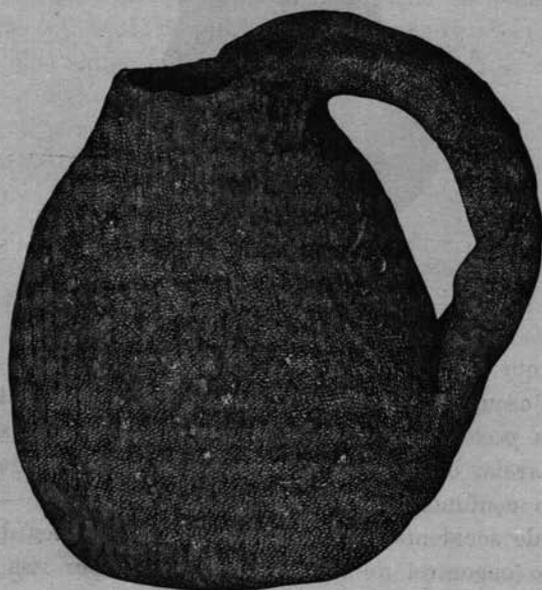


Fig. 1

O primeiro é o vaso representado na fig. 1, cuja fôrma lembra a *almotolia* usada nos nossos campos.